

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: 17

Data: 29.11.68

Pg.: 1º/07

Versão de Álvaro é desmentida pelo barqueiro que o encontrou na selva

Álvaro Caldas e Ronald Theobald
Enviados Especiais

Itaocoatiara — O primeiro desmentido concreto do depoimento do mateiro Alvaro Paulo da Silva surgiu ontem em Itaocoatiara. A reportagem do JB encontrou o material que ele afirmou haver perdido na fuga.

O material foi localizado com o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, que conduziu Alvaro em sua fuga pelo rio Apuma. Consta de uma espingarda que o mateiro

disse ter perdido, uma tanga, fitas de pesca, dez cortes de fazenda estampada, uma Bíblia e 60 cartuchos.

CONTRADIÇÃO

Afirmou o barqueiro que, quando encontrou Alvaro nas proximidades de uma usina de madeira, em plena selva, ele contou-lhe que fugira da expedição por-

que o padre João Calleri estava sendo muito rígido no tratamento com os índios. O mateiro afirmou também, ao contrário do que disse depois em Manaus, quando foi ouvido pelo tenente Ribas, que não havia nenhum morto ao abandonar a expedição.

Segundo o barqueiro Alfredo Marques de Alencar, Alvaro afirmou que viu muitas índias bonitas e que os índios da região são ca-

beludos e barbados. Contou também que preparou a fuga com cuidado e convidou um companheiro — Eduardo — para acompanhá-lo. Este no entanto preferiu ficar, alegando que confiava no padre. O mateiro pediu-lhe então que fizesse segredo, não falando nada sobre a balsa que construiu para a fuga — segundo a versão do barqueiro.

Serviço Secreto investiga o mateiro

Manaus — A 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira da 8ª Região Militar (serviço secreto), chefiada pelo major Mero, está levantando a ficha do mateiro Alvaro Paulo da Silva, até agora o único sobrevivente da expedição chefiada pelo padre João Calleri, diante das últimas informações chegadas aqui a seu respeito, que o dão como "um aventureiro inescrupuloso."

Estas informações, ainda não confirmadas oficialmente, recolhidas junto às pescas com as quais o Mineiro conviveu ultimamente, o apontam como tendo sido vaqueiro no interior de Goiás até há bem pouco tempo, de onde fugiu depois de dar alguns golpes. O major Mero informou que ainda é cedo para falar sobre o assunto, pois só agora começou a trabalhar nele.

ATRITO E SAQUE

Funcionários do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens do

Amazonas (Deram) admitem reservadamente que a expedição deixou São Gabriel, um dos postos do Departamento ao longo do traçado da BR-174, com o mateiro já entrando em atrito com outros membros.

O padre Calleri — que sempre quis preservar o sentido de autoridade e disciplina — fez diversas advertências para evitar que os atritos alcançassem uma dimensão maior, segundo as mesmas fontes, mas as brigas continuaram com o deslocamento dos homens.

Segundo estas informações, que ganharam maior evidência com o fato de a 2ª Seção do Grupamento de Elementos de Fronteira estar investigando a vida do mateiro, havia um conflito entre ele e outros membros da expedição, ainda não identificados, com a ajuda de trabalhadores da frente de construção da rodovia, para sa-

quear a expedição, plano que teria sido abortado com a reação dos índios às brigas internas dos expedicionários.

Admitem estas fontes que uma cena de violência entre os integrantes da expedição, durante a qual houve trocas de tiros e mortes, tivesse causado uma reação também violenta dos atroaris, aos quais não teria cabido a iniciativa de qualquer ato de agressão.

TARIMBA E AMIZADE

Em defesa desses argumentos, estas mesmas fontes apontam dois fatos importantes. O primeiro é o de que o padre João Calleri é um homem por demais experiente para se ter precipitado e provocado desentendimentos com os silvícolas, pois a sua tarimba e conhecimentos sobre o assunto o credenciam como um dos melhores sertanistas da região. O outro se refere

aos últimos contatos dos atroaris com o pessoal da construção da BR-174, que foram por demais amistosos e cordiais para que tivessem mudado assim tão repentinamente. Num destes contatos um helicóptero do Deram pousou na clareira da maloca queimada, dois homens desceram e foram recebidos amistosamente pelos índios, a ponto de, quando foram novamente descer, não puderam levantar voo devido ao excesso de presentes que ganharam. Cachos de bananas tiveram que ser retirados para que o helicóptero levantasse voo.

A expedição levou um equipamento de valor considerável, compreendendo, além dos víveres, presentes para os atroaris e equipamentos diversos para a missão, um rádio transmissor e receptor SSB, um motor Honda, pesando 60 quilos, e uma lancha com motor de pópa. Todo este material encontra-se desaparecido, com a expedição.

Chuva mantém as buscas paralisadas

Manaus — As chuvas fortes de ontem voltaram a impedir qualquer ação dos para-quadristas do SAR na região onde desapareceu a expedição. Para hoje está prevista nova descida na área dos atroaris, com maior número de homens (20) porque serão utilizados helicópteros.

As operações de varcuhlamento da área onde se presume que a

expedição foi massacrada estão paralisadas há dois dias. Em Moura, base avançada das operações, os homens do PARA-SAR aguardam que a chuva amaine para continuar as buscas.

PRESENTES

Hoje serão lançados presentes sobre as malocas dos índios — saquinhos de açúcar, espelhos, catzas

de fósforo. Os aviões lançarão também cinco mil panfletos com instruções para que os possíveis sobreviventes façam sinais com espelhos e cruzes de madeira em todas as clareiras.

Segundo o tenente Ribas, coordenador das operações de resgate, o objetivo da missão é mostrar que têm intenções amistosas, para depois descer com para-quadristas

em incursões mais demoradas. Acredita o militar na possibilidade de ainda haver sobreviventes, mantidos presos pelos índios.

Ontem chegou a Manaus mais um helicóptero para integrar as buscas, esperando-se para amanhã a vinda de um avião Brijato da FAB, que será utilizado pela primeira vez em operações de salvamento.

Atroari é festivo e gosta de açúcar

Manaus — Rapazes novos, altos e fortes, com uma média de idade de 22 anos, cabelos cortados rente, que gostam de açúcar e têm dentes estragados — o que não é comum entre os indígenas — além de muito festivos, assim são os atroaris, que habitam a bacia dos rios Alalaú e Jauaperi, segundo revelou o engenheiro agrônomo e sertanista Eduardo Celestino Santana.

Seu Santana, como é conhecido o engenheiro, é funcionário do Deram e vem mantendo contato com os atroaris desde 1967, quando foram iniciados os trabalhos de construção da rodovia Duque de Caxias (BR-174), déles guardando uma impressão amistosa, pois em todos os encontros que teve não notou qualquer sinal de agressividade.

COM AÇÚCAR

Outra característica dos atroaris — que juntamente com os vaimiris, seus irmãos da bacia do Alalaú e do Jauaperi, devem somar a mais de três mil na região — é a de gostar abusadamente de açúcar.

Certa vez, conta o engenheiro, quando um grupo déles fez uma visita ao acampamento do Deram, foi descoberta uma saca de açúcar num canto. Depois de enfiar o dedo no açúcar e passar na boca, o índio começou a pular de contentamento, chamando a atenção dos demais, que logo formaram uma fila, esvaziando a saca em poucos minutos.

Nestes contatos, os atroaris, que usam apenas uma pequena tanga presa por um cinto de cipó à cintura, demonstraram grande simpatia pelas rédes, que foram todas ocupadas, pelos cachorros, com os quais eles brincaram durante muito tempo, e pelas roupas dos brancos, tendo alguns déles vestido, uma em cima da outra, mais de quatro camisas.

Especial simpatia foi demonstrada também para com as mulheres, todas elas chamadas de Maria, única palavra conhecida por eles fora do seu dialeto. Fora isto, qualquer comunicação era feita através de mímica.

acampamento dos trabalhadores varcuhlavam todos os cantos, com o objetivo de saber quantos homens existiam.

— Conhecendo já este hábito, nós tomávamos a precaução de colocar sempre o dobro de homens em relação ao número de índios, para evitar qualquer suposição de superioridade por parte déles.

A CULTURA

Os atroaris possuem um certo conhecimento adquirido em consequência de seu trabalho, revelado principalmente na construção de suas habitações, redondas, feitas de madeira e cobertas com folha de palmeira, na cerâmica que desenvolvem e nos machados e flechas que utilizam.

Segundo seu Santana, já no quilômetro 111 do trecho Manaus-Alalaú da BR-174 começaram a aparecer índoles da cerâmica indígena, com o descobrimento de alquidares, que são bacias de barro, e outras peças muito trabalhadas.

Com o progresso das obras de desmatamento, outras coisas foram sur-

gindo, deixadas pelos índios, acredita-se, para facilitar a aproximação com os trabalhadores, entre elas machados de pedra, arcos e flechas.

No primeiro contato que tiveram com os atroaris, éle foram em número de seis ao barracão do acampamento, trouxeram alguns brindes e depois retornaram.

— Fisicamente eles são como qualquer um de nós. Têm traços finos, que os identificam mais com o caçador do que com os demais índios — diz o sertanista.

Na outra vez que voltaram já foram em número de 22. Novos presentes foram então trocados, sendo que éles trouxeram bananas e flechas. Na hora de comer, recusaram a refeição dos brancos, preferindo peixe moqueado (assado com escama).

Os arcos utilizados pelos atroaris medem mais de dois metros e tem grande resistência. O acabamento é perfeito. Algumas flechas têm ponta de ferro, na forma de anzol, outras têm as pontas lencas e afiladas, também de ferro, e as de uma terceira espécie são de madeira, com forma de rasca na ponta.

Funai não crê em branco chefiando índios

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da Funai, Sr. José Maria da Gama Malcher, afirmou ontem — analisando a afirmação de Alvaro Paulo da Silva de que há um branco venezuelano chefiando os índios — que histórias como essa sempre existiram na Amazônia, sem fundamento, com o objetivo único de justificar violências contra os silvícolas.

Nenhuma notícia chegou ontem à Funai sobre o paradeiro da expedição do padre Calleri ou sobre os trabalhos de resgate. Continua a dúvida entre duas hipóteses: ou a missão foi mesmo massacrada ou está prisioneira dos atroaris ou waimiris.

MATEIRO SUSPEITO

A história do mateiro Alvaro Paulo da Silva, de como conseguiu escapar sem ser morto pelos índios, é encarada com suspeita crescente na Funai. Para o Sr. Gama Malcher, até que tudo o que aconteceu à expedição do padre Calleri se esclareça, as declarações de Alvaro são suspeitas.

O Sr. Gama Malcher não admite que os vestígios encontrados há três dias pelo PARA-SAR na maloca número 2 dos atroaris — um par de botas, remédios molhados, chapéus de palha, etc. — sejam suficientes para que se afirme que tenha havido um massacre.

Para ele, até que se encontre os corpos das possíveis vítimas os participantes da expedição do padre Calleri poderão estar prisioneiros dos índios.

Entretanto, o Sr. Gama Malcher não afasta a hipótese de que tenha ocorrido um massacre. Se isso aconteceu, apresenta duas alternativas, a primeira das quais de que os índios houvessem reconhecido entre os participantes da expedição alguém que anteriormente lhes fizera algum mal.

Na hipótese de massacre, a segunda possibilidade seria a de que os presentes do padre Calleri tivessem se esgotado antes da chegada de todos os grupos de índios. Nesse caso, os índios que chegassem por último, vendo os demais com brindes, achariam que o padre não estivesse disposto a presentear-los

também, o que é considerado uma desfeita imperdoável. Esse caso poderia, também, explicar um possível massacre da expedição.

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, entretanto, vê com muita desconfiança a história do mateiro, ainda mais agora que surgiu o caso do branco chefiando os índios.

Disse o Sr. Gama Malcher que não é de hoje a existência de histórias semelhantes na Amazônia, lembrando as hipotéticas presenças de um francês entre os índios urubus, em Gurupi, no Maranhão, de um foragido da polícia entre os paracanás e aquirinis, na região do rio Tocantins, e muitas outras parecidas.

O objetivo dessas histórias, afirma o Sr. Gama Malcher, era justificar a presença de forças policiais ou militares nas áreas dos índios, para resgatar ou prender esses hipotéticos homens brancos, que nunca foram encontrados. Até que essas expedições terminassem, os territórios indígenas eram invadidos e muitos índios massacrados.

Explicou que os índios não atacam gratuitamente o homem branco, mas é este quem invade o seu território. Com esta invasão, o índio naturalmente se torna hostil, para defender a sua terra.

— O mesmo — disse o Sr. Gama Malcher — aconteceria com os homens brancos que tivessem o seu país invadido por outra nação.

Por isso, acha o Sr. José Maria da Gama Malcher perfeitamente natural que os índios tenham atacado com flechadas o Catalina da FAB que há três dias dava cobertura a um helicóptero do PARA-SAR quando examinava a maloca n.º 3 dos atroaris.

A agressividade desses índios não significa que eles estejam revoltados depois de massacrarem a expedição do padre Calleri, mas é apenas uma atitude de autodefesa. Por outro lado, acrescenta, esses indígenas que atacaram o aparelho do PARA-SAR podem até ser de um grupo que não teve qualquer contato com a expedição do padre Calleri.

SEM BOMBAS DE GAS

O Gabinete da Funai afirmou ontem categoricamente que em

nenhuma hipótese seus sertanistas usarão bombas de gás lacrimogêneo contra os índios, nem armas de fogo, mas apenas fogos de artifício, que só assustam.

Essa afirmação foi motivada pela notícia de que o PARA-SAR, se fosse atacado durante os trabalhos de resgate dos mortos ou sobreviventes, utilizaria fogos de artifício e bombas de gás para manter os índios afastados.

Reafirmou a Funai que a ordem recebida do Ministério do Interior — ao qual está subordinada — é a de preservar, de qualquer maneira e em qualquer hipótese, a integridade física do índio. Entretanto, a Fundação não pode garantir que o PARA-SAR vá deixar de usar bombas de gás contra os índios, pois aquela unidade militar é subordinada ao Ministério da Aeronáutica.

A necessidade da preservação da integridade física dos índios vem sendo ressaltada desde o início pela Funai, reafirmada inclusive em uma comunicação do sertanista João Américo Peret, enviado para chefiar a missão de resgate.

Com essa declaração, pretende a Funai evitar qualquer ação de represália aos atroaris e waimiris, a pretexto de que homens brancos tivessem sido atacados pelos índios quando procuravam sobreviventes da missão do padre Calleri.

Com essa finalidade, o presidente da Funai, Sr. José de Quelros Campos, enviou para a 1.ª Inspeção de Manaus, tão logo chegaram as primeiras notícias sobre o desaparecimento da expedição do padre Calleri, um rádio urgente determinando que não fosse permitida qualquer represália aos índios, e que informasse com a maior brevidade à Fundação se alguém, algum órgão ou entidade tentasse penetrar na área dos atroaris a pretexto de procurar sobreviventes.

Explica a Funai que essa preocupação com a integridade dos índios está baseada em numerosos acontecimentos no passado, quando volta e meia surgiam notícias de massacres de brancos — quase

nunca confirmadas — apenas para dar pretexto a represálias.

Essas represálias, informam ainda os funcionários da Funai, somente encobriam os interesses dos mineradores, madeireiros, garimpeiros e outros aventureiros pelas terras dos índios. Nas expedições punitivas eram mortos muitos índios, e os sobreviventes fugiam para outras áreas, deixando então suas valiosas terras para serem exploradas pelos brancos.

INTERDIÇÃO

A interdição da região onde vivem os atroaris e waimiris foi pedida antontem pela Funai, que enviou ofício nesse sentido ao Ministério do Interior, para ser encaminhado ao Presidente da República.

O diretor do Patrimônio Indígena, rebatendo as afirmações do Governador do Amazonas, Sr. Danilo Areosa, de que a interdição iria prejudicar o progresso da região e a própria segurança nacional, declarou que a medida não impedirá que a estrada Manaus-Caracará continue a ser construída.

Lembrou o Sr. Gama Malcher que a interdição não atinge o Estado do Amazonas, mas apenas uma pequena parte do Território de Roraima, na confluência dos rios Alalaú e Jauaperi e até as suas cabeceiras. Frisou que a interdição só alcançará parte daquele Estado se isso for estritamente necessário.

Afirmou que a interdição não exigirá um novo traçado para aquela rodovia, mas a sua finalidade é permitir que um sertanista da Funai passe a acompanhar os trabalhos de construção, orientando os contatos com os indígenas.

Explicou o Sr. Gama Malcher que o objetivo da Funai é atrair os índios da área para uma outra região, de maneira que recebam novas terras que lhes permitam viver sua própria vida sem serem incomodados pelos brancos e longe da estrada, "onde não seriam mortos a tiros, mas pelas doenças levadas pelos civilizados". Essa, aliás, era a principal missão do padre João Calleri.